

BULLYING NA ESCOLA: ANÁLISE CONCEITUAL E SUAS IMPLICAÇÕES NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM.

Ivete Bernardes Garcia¹

Jehu Vieira Serrado Júnior²

RESUMO

Este trabalho, de cunho qualitativo, é parte de uma pesquisa maior, a qual discute a questão do Bullying no interior da escola. Procuramos demonstrar que faz-se necessário romper aos poucos com esse ciclo violento e vicioso dentro da escola, buscando que cada parte envolvida no processo escolar examine sua própria contribuição involuntária para o padrão e fazer algo diferente, de modo a reduzir as chances da exteriorização das conseqüências produzidas pelo Bullying.

Palavras-Chaves: Bullying, Educação, Aprendizagem.

¹ Aluna do Programa de Pós-Graduação Lato Sensu das Faculdades Integradas de Três Lagoas-AEMS e membro do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Formação Docente e Fundamentos da Educação (GEPEDFE).

² Pedagogo (CPTL/UFMS) e Mestre em Educação (FCT-UNESP). É Professor e Coordenador do curso de Pedagogia, Coordenador da linha de pesquisa e do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Formação Docente e Fundamentos da Educação (GEPEDFE), todos vinculados às Faculdades Integradas de Três Lagoas-AEMS. E-mail: jehujunior@hotmail.com.

BULLYING NA ESCOLA: ANÁLISE CONCEITUAL E SUAS IMPLICAÇÕES NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM.

Ivete Bernardes Garcia
Jehu Vieira Serrado Júnior

INTRODUÇÃO

O objetivo em desenvolver esse tema surgiu pelo fato do aumento da violência nas escolas, uma preocupação cada vez mais frequente nas escolas, tanto públicas quanto particulares. Este trabalho foi elaborado como uma das exigências para conclusão do curso de pós-graduação. Para tanto foi analisado por meio de leituras esse processo comportamental na visão de alguns especialistas nessa área.

A violência é um fator muito constante não só nas escolas, como principalmente, no mundo. A escola que deveria ser um lugar seguro, onde as pessoas pudessem se sentir seguras e principalmente estarem ali para adquirirem formação e informação, na verdade muitas vezes são invadidas por pessoas desequilibradas, que são capazes de não só proporcionar desordem e medo, como também matar.

Os profissionais da educação e saúde de todo mundo estão preocupados com toda essa violência denominada “Fenômeno Bullying”. Termo encontrado na literatura psicológica anglo-saxônica, caracterizada como comportamentos agressivos e anti-sociais. Já na Língua Portuguesa, o Bullying é denominado como um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas adotadas por um ou mais alunos contra outros alunos, causando dor, angústia e sofrimento, além de insultos, intimidações, apelidos cruéis e injustas, atuação de grupos que hostilizam, ridicularizam e infernizam a vida de outros alunos, levando-os a exclusão, além de danos físicos, psíquicos, morais e materiais.

O Bullying embora seja um termo muito bem definido, não pode ser confundido com outras formas de violência, isso se justifica porque são situações que podem aparecer em outros contextos além do escolar como familiar, forças armadas, locais de trabalho, asilos de velhos, prisões, condomínios residências, enfim nas relações interpessoais denominadas assédio moral.

Segundo estudiosos o Fenômeno Bullying classifica em tipos de papéis sociais desempenhados pelos seus protagonistas como: “vítima típica - o que serve de bode expiatório para o grupo”; “vítima provocadora - o que provoca determinadas

reações contra as quais não possui habilidades para lidar”; “vítima agressora - o que reproduz os maus-tratos sofridos”; “agressor - o que vitimiza os mais fracos”; “espectador - o que presencia os maus-tratos, porém não sofre diretamente e nem pratica, mas se expõe e reage incondicionalmente aos estímulos psicossociais”.

Portanto o Fenômeno Bullying é um problema mundial encontrado nas escolas e que recentemente vem sendo estudado no Brasil, em que cerca de 5% a 35% dos alunos envolvidos no fenômeno. Pesquisas já feita anteriormente em São Paulo, tanto em escolas públicas, quanto particulares concluíram que 22% dos alunos figuram como “vítimas”, 15% como “agressores” e 12% como “vítimas-agressoras”. De acordo com estudos de especialistas ficou claro que os motivos que levam ao comportamento do Bullying são variados, entre eles, a carência afetiva, a ausência de limites e o modo de afirmação de poder e de autoridade dos pais sobre os filhos e principalmente por “práticas educativas que incluem maus-tratos físicos, explosões emocionais violentas. Cabe então não só a sociedade, mas principalmente a família a busca pela mudança do quadro de violência, pois enquanto os pais não se conscientizarem da responsabilidade com os filhos é impossível mudança. Essa mudança deve começar na família e no lar que abriga esse jovem.

O BULLYNG E O ÂMBITO ESCOLAR

O âmbito escolar apresenta a seus alunos regras fundamentadas, moldadas pelos direitos e deveres que cada um deve seguir a princípio e que posteriormente deva exteriorizar no meio social em que cada um vive.

O Fenômeno de Bullying começa a aparecer exatamente aqui, justamente porque o indivíduo que apresenta qualquer um dos tipos anteriormente apresentados tem dificuldade em manter o relacionamento com o outro.

O portador dessa síndrome possui necessidade de dominar, de subjugar e de impor sua autoridade sobre outrem, mediante coação; necessidade de aceitação e de pertencimento a um grupo; de auto-afirmação, de chamar atenção para si. Possui ainda a inabilidade de expressar seus sentimentos mais íntimos, de se colocar no lugar do outro e de perceber suas dores e sentimentos.

Para especialistas essa síndrome apresenta sintomas claros como: irritabilidade, agressividade, impulsividade, intolerância, tensão, explosões psicossomáticas, alteração de humor, pensamentos suicidas, segundo eles, tudo isso é oriundo de modelos educativos da infância e que posteriormente exposta a

qualquer estímulo agressivo, aversivos a seu psiquismo. A criança ou jovem introjeta inconscientemente ao único repertório comportamental que teve anteriormente o de “mandante”.

As consequências para as vítimas desse fenômeno são graves e abrangentes e promove no âmbito escolar o desinteresse desse indivíduo pela escola, o déficit de concentração e aprendizagem, a queda de rendimento, o absentismo e a evasão escolar. Na área da saúde física e emocional, há baixa na resistência imunológica e auto-estima, o estresse, os sintomas psicossomáticos, transtornos psicológicos, a depressão e o suicídio.

Já para os agressores, ocorre o distanciamento e a falta de adaptação aos objetivos escolares, à supervalorização da violência como forma de obtenção de poder, o desenvolvimento de habilidades para futuras condutas delituosas, além da projeção de condutas violentas na vida adulta.

Enquanto os agressores se sentem fortes, poderosos, as vítimas, os espectadores, geralmente a maioria dos alunos, sentem insegurança, ansiedade, medo, estresse, comprometendo assim seu processo sócio-educacional.

É grande a preocupação dos especialistas em educação, porque dependendo do grau de sofrimento vivido pelo jovem ou criança, ela poderá sentir-se ancorada às construções inconscientes de pensamentos de vingança, suicídio, ou manifestar determinados tipos de comportamentos agressivos ou violentos, prejudiciais a si mesmas e à sociedade. Eis aqui a importância de uma intervenção diagnóstica, preventiva e psicoterápica, além dos esforços interdisciplinares conjugados, por toda a comunidade escolar. Para ilustrar a preocupação dos especialistas no assunto, podemos citar tragédias ocorridas em escolas do mundo todo como dos Estados Unidos da América, São Paulo, Bahia e Argélia .

O fenômeno Bullying é de difícil identificação por parte dos familiares e da escola; ou por que a vítima tem medo de denunciar os seus agressores ou por acreditar que não lhe darão crédito e ainda no caso dos espectadores temerem em se transformarem na próxima vítima.

Apesar da dificuldade de identificação do fenômeno Bullying, algumas iniciativas vêm sendo implantadas em escolas dos mais diversos países, na tentativa de reduzir esse tipo de comportamento. O Projeto Antibullying - “Programa Educar para a Paz”, em uma escola de São José do Rio Preto, teve como resultado um índice significativo de redução do comportamento agressivo e a expressiva melhora nas relações dos alunos e professores, além da melhoria no desempenho escolar.

O Programa Educar para Paz, coordenado pela doutora Cleonice Aparecida Zonato Fante, da universidade de Baleares - Espanha pode ser definida como um conjunto de estratégias psicopedagógicas, que se fundamenta sobre princípios de solidariedade, tolerância e respeito às diferenças. Recebeu esse nome por acreditarem que na verdade, a paz é o maior anseio das crianças envolvidas no fenômeno, além de que, toda sociedade anseia por isso. No desenvolvimento do projeto há envolvimento de toda comunidade escolar, especialmente, dos pais e da comunidade onde a escola está inserida. O objetivo principal é a inclusão e fortalecimento da auto-estima das vítimas, a canalização da agressividade do agressor, revertidas em ações pró-ativas, além do mais toda a escola, pais e comunidade em geral devem estar envolvidos com responsabilidade e compromisso com a causa.

Estudiosos no assunto acreditam que se existe cultura de violência disseminada entre as pessoas, deve haver uma forma eficaz de disseminar uma contracultura de paz. Nós somos capazes disso e de muito mais, se formos capaz de plantar no coração de cada um dos adolescentes e jovens, uma semente de paz. Só assim será possível reverter atitudes más, em atitudes boas, atitudes de solidariedade, tolerância, respeito e amor ao próximo, mas o bem próximo mesmo: os pais, o colega e o professor. Para eles construir um mundo de paz é possível sim, mas para isso devemos primeiramente construí-lo dentro de cada um de nós. E o Programa Educar para Paz foi tão significativo, que vem sendo implantado em inúmeras escolas do Brasil, tudo por ser de fácil adaptação a cada realidade escolar. e por ter apresentado bons resultados, onde foi aplicado e o melhor de todos os objetivos, foi realizado em curto espaço de tempo de sua implantação.

Hoje, apesar de todas as dificuldades enfrentadas pelos envolvidos: pais, especialistas e os próprios alunos, já há cursos de pós-graduação na área da educação, que visam preparar professores e profissionais da área para ajudarem na busca pela solução do problema do Bullying.

BULLYING E ESCOLA: LUGAR DE CONFRONTO OU PARAÍSO

A educação do jovem no século XXI tem se tornado algo muito difícil, justamente porque os modelos e referências educacionais, os pais, estão perdidos na educação dos filhos e por isso delegam essa responsabilidade a terceiros: empregadas, babás e escola. Se por um lado temos as famílias abastadas, que têm condições de pagar alguém ou uma instituição para cuidar de seus filhos, eles por

sua vez estão cada vez mais omissos na educação dos filhos. Muitos deles absorvidos pelo trabalho e por terem pouco tempo para se relacionar com o filho, esquecem de pôr limites a eles, acreditando que se o fizerem estarão atrapalhando o pouco tempo que ainda lhes restam. Por outro lado, na ala dos menos favorecidos economicamente, temos a família de menor poder aquisitivo, cujos filhos diferentes do primeiro caso, são entregues a sorte, geralmente são cuidados pelos irmãos mais velhos que ainda não têm estrutura para isso, ou ficam sozinhos ou em creches superlotadas. Esses pais na verdade não encontram tempo algum para oferecer aos filhos, porque fazem bicos para aumentar a renda, pois têm que alimentá-los.

Os pais não conseguem mais educar os filhos emocionalmente e, tampouco, sentem-se habilitados a resolverem conflitos por meio do diálogo e da negociação de regras. Diante disso, na maioria das vezes, optam pela arbitrariedade do não ou pela excessiva permissividade do sim. Assim não oferecem nenhum referencial de convivência pautado no diálogo, na compreensão, na tolerância, no limite e no afeto.

A escola por sua vez tem se mostrado inábil ao trabalhar com a afetividade. Cada vez mais, os alunos mostram-se agressivos, reproduzindo uma educação, digamos assim, doméstica e moldada pelo conformismo, exclusão, falta de limites, maus-tratos, ou seja, tudo aquilo que foi revelado em suas relações interpessoais, esses alunos projetam na escola, em forma de atitudes violentas.

Muitos professores não conseguem detectar os problemas e algumas vezes demonstram desgaste emocional diante das várias situações de desafios, além da sobrecarga de trabalho, é claro. Devido a isso muitos professores contribuem com o agravamento do quadro, rotulando com apelidos pejorativos ou reagindo de forma agressiva ao comportamento indisciplinado de alguns alunos.

Sabemos que não há receita pronta para se educar, pois cada família tem sua peculiaridade, mas nem por isso devemos cruzar os braços e deixar que o problema tome proporções irreversíveis. Enquanto os educadores-pais (primeiros responsáveis) não assumirem a sua missão de educar verdadeiramente e fazerem algo a respeito, fica impossível se fazer algo. Todos em conjunto devem buscar junto um caminho trilhado pela e para a afetividade: a relação de amizade à atenção em dose certa deve começar em casa e estender-se para escola, posteriormente para a sociedade. Esse sim podemos reconhecer ser o processo evolutivo e formativo do ser humano, que vai explodir na relação social e favoravelmente. Caso isso não ocorra, o resultado será o inverso.

Como ilustração da violência que explode na sociedade, temos o caso do massacre da Escola Virgínia Tech em 1989 na Califórnia, em que um homem matou cinco crianças e feriu 30 pessoas. Aliás esse é um dos milhares casos como na Alemanha, Escócia, Japão e Argentina e no Brasil com o caso da jovem que feriu 8 e matou-se, isso ocorreu no interior de São Paulo.

Em todos os casos analisados, percebeu-se um isolamento intencional de quem pratica o Bullying, além de atitudes agressivas repetidas e sem razão aparente que causam sofrimento. O alvo dessa violência velada sofre calado e de forma contínua tornando a vida escolar um martírio. As chagas abertas na alma desses meninos ou meninas dificilmente cicatrizam se e aí vem a explosão. Detectou-se ainda, que a união do sofrimento da vítima com a competitividade da sociedade, essa por sua vez extremamente belicista, tem com consequência grave o homicídio, seguido do suicídio. Esta atitude extrema é vista pela vítima como solução vingativa, para quem não vê razão de viver. Matam a todos indiscriminadamente, tanto aqueles que o agrediram, quanto os que não intervieram para que seu sofrimento cessasse.

Numa das entrevistas do programa “Os Sem Fronteiras” da Globo News, Jorge Pontual, o apresentador do programa, questionou a seu entrevistado, sobre o que levaria um jovem ao extremo da subordinação do homem pelo homem, criando alunos líderes negativos, que comandam espaços das escolas, corredores e salas de aula através da intimidação? Como resposta o entrevistado concluiu, que o isolamento é a causa principal, o sofrimento e o crime deles poderiam ser evitados se houvesse mais atenção, palavras de apoio e amizade para com eles, tanto da parte da família, quanto da escola em que estudam o que ocorre é que na maioria esses alunos são rotulados e discriminados. Ele ainda frisou que o programa social de segurança pública facilita o acesso às armas e isso com certeza é uma das causas das tragédias ou seja ingrediente facilitador da desgraça. Explicou ainda que muitos deles deixam cartas justificando a atitude e culpa pessoas de seu convívio como os promotores da morte.

O que a família, a sociedade, enfim, a escola deve e pode fazer? É um questionamento difícil de responder de imediato, porém, há alternativas significativas a serem levadas em conta: em primeiro lugar, especialistas acreditam que toda a sociedade como um todo, deve se conscientizar que esse conflito já é considerado um problema de saúde pública grave. Por isso para eles é preciso desenvolver um olhar mais observador, tanto dos professores, quanto dos demais profissionais

ligados ao espaço escolar. Sendo assim todos devem estar atentos a sinais de violência, neutralizar os agressores, bem como, assessorar as vítimas e transformar os espectadores em principais aliados. Em segundo lugar a comunidade escolar deve tomar algumas iniciativas preventivas do tipo: aumentar a supervisão na hora do recreio e intervalo; evitar em sala de aula menosprezo, apelidos ou rejeição de alunos por qualquer que seja o motivo. Também pode-se e deve-se promover debates sobre as várias formas de violência, verbais ou não, respeito mútuo e a afetividade tendo como foco as relações humanas.

Enfim, assunto como esse deve fazer parte da rotina escolar, porque para que seja evitado todos em conjunto devem ter ações atitudinais e não apenas conceituais. Não adianta falar de respeito, de não violência se os próprios profissionais em educação usam de atos agressivos, verbais ou não contra alunos, e ainda reforça essa atitude negativa dizendo: "faça o que eu digo e não faça o que eu faço".

BULLYING – INCLUSÃO OU EXCLUSÃO

Na era da Pedagogia da Inclusão" ainda se encontra no contexto escolar, vários tipos de exclusões, discriminações, rejeições e perseguições permeando as relações interpessoais. Considerando que a sociedade hoje apresenta um quadro de inversão de valores e de violência explícita, a escola tem uma difícil missão de despertar o senso crítico em seus alunos, visando uma sociedade plural, de tolerância às diferenças e fraterna, pautada em princípios éticos, estéticos e morais.

Na verdade todos os estudiosos em educação, todas as famílias em parceria com as escolas visam destacar a existência do bullying na sociedade e assim propor estratégias para superação e/ou amenização do problema.

Para Stainback (1999, p.31), a inclusão é um novo paradigma de pensamento e de ação, no sentido de incluir todos os indivíduos em uma sociedade a qual a diversidade está se tornando mais norma do que exceção. Quando se fala de sociedade plural composta de diferenças de todas as ordens, surge a necessidade de se atentar para grupos minoritários, que por sua vez são discriminados e a exclusão por sua vez recai sobre as diferenças associadas ao gênero, raça, etnia, classe social, religião, idade, habilidades motoras, biótipo, desempenho esportivo, doenças crônicas e portadores de deficiências dentre outras.

A escola tem a função de propiciar conteúdos e valores pautados na ética, que possui como elementos constitutivos o respeito mútuo, a justiça, o diálogo, a

solidariedade, a cooperação, a sinceridade e a autenticidade. Portanto nem os pais, nem a escola pode se eximir da responsabilidade de colaborar com esses valores na formação dos alunos.

Segundo Perrenoud (2000,) destaca ainda que o processo de aprendizagem prescinde da vivência grupal e para isto é primordial que se garanta: a necessidade gregária de pertencer ao grupo, ancoragem identitária, a socialização, a aprendizagem de vida em grupo e finalmente a importância das interações na construção dos saberes.

A exclusão gerada pela violência pode acarretar distúrbios comportamentais e sociais graves, com acontecimentos episódicos dentro ou fora do contexto escolar.

Segundo Chauí(2000, p. 336-337), a violência como exercício de força física e coação psíquica, contrária ao corpo e à consciência, pode causar “danos profundos e irreparáveis, como a morte, a loucura, a auto-agressão ou a agressão aos outros.

A compreensão mútua entre os seres humanos é vital para que as relações saiam de seu estado bárbaro de incompreensão. A antropoética deve trabalhar para a humanização, a solidariedade, o respeito e tolerância às diferenças.” A ética da compreensão pede que se compreenda a incompreensão”.(MORIN, 2005, p.99)

Os valores éticos surgem como garantia de nossa condição de sujeitos, proibindo moralmente que nos transforma em coisa usada e manipulada pelos outros. Dessa forma a escola e a família deve atentar para criação de um senso e uma consciência moral nos alunos, para que se evitem situações de violência, discriminações, exclusões e do fenômeno bullying.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As mudanças na vida do Planeta passa pelo respeito à vida do outro. Por isso professores, especialistas pretendem por meio de pesquisas e projetos desertar uma educação comprometida com a vida e com a paz, baseada na igualdade, na justiça, no respeito à dignidade humana e na fraternidade.

O objetivo das várias pesquisas realizadas não só no Brasil, como no mundo é despertar gradativamente a observação do fenômeno bullying que há tempo vem se instalando na sociedade, para assim buscar uma saída para o problema que cresce a cada dia.

A pesquisa na área foi se intensificando a cada dia pela maneira como o fenômeno vem se disseminando por âmbitos interno e externos e, sobretudo, pelos

danos psicológicos causados aos envolvidos, tendo muitas vezes reações extremas, como recentes tragédias ocorridas em escolas de vários lugares do mundo. Esta violência portanto não é preocupante em todas as formas e não está restrita a determinada instituição, cidade ou região. Ela atinge a malha social independente de localidade e espaço (OLIVEIRA, 2002). A violência a cada dia interiorizou no conjunto das relações humanas das capitais do país e infelizmente, uma cidade como Cuiabá, no Brasil se destaca como uma das campeãs de violência no país, dada a centralidade das questões de terras e de recursos naturais.

A violência escolar é a questão que mais requer um olhar atento dos profissionais da educação. Entretanto, quando tratamos a violência escolar visualizamos apenas uma série de situações nas quais, os alunos discutem, brigam, trocam chutes, se ferem. Ou ainda, quando nem imaginamos gangues estão sendo formadas por educando ou ex-alunos, munidos com armas e drogas, que invadem a escola, depredam o patrimônio, ou deixam seus rastros marcados com sangue e sofrimento, comprometendo a vida e a integridade da comunidade escolar. Na realidade, a violência é bem mais ampla e se manifesta nos relacionamentos educativos, no processo de ensino-aprendizagem ou até mesmo no currículo escolar.

Hoje um dos maiores desafios da atualidade, no século XXI, é combater e erradicar as principais causas que ameaçam a construção da paz, dentre as quais se destaca a violência. A violência escolar nos últimos anos adquiriu dimensão alarmante em todas as sociedades, o que torna preocupante, devido a grande incidência de sua manifestação no âmbito escolar.

As instituições educacionais, especialmente as públicas, com o agravamento da realidade socioeconômica e cultural dos últimos anos, receberam grande número de crianças e jovens de todas as classes sociais. Porém a política pedagógica ainda não contempla um trabalho, que promova a discussão, debate acerca das diversas formas de violência, da necessidade de combater-la em prol da construção de uma educação para a paz.

Estamos convencidos de que são poucos aqueles que lutam por encontrar meios para reduzir a violência está presente nas relações humanas, é aí que se deve urgentemente semear a paz no coração das crianças e adolescentes, este é o caminho para combater a violência e porque não começar pela família, escola e posteriormente a sociedade, porque queiramos ou não a educação é a solução para esse problema.

Cabe então aos profissionais da educação e a família, em conjunto, saber identificar, distinguir e diagnosticar o fenômeno Bullying, para assim promover as estratégias de intervenção e prevenção, adequadas a cada realidade da escola. Não existem soluções prontas para o combate efetivo deste fenômeno, frente à complexidade do mesmo.

A busca de soluções depende muito do comprometimento profissional e de um trabalho articulado entre diversas áreas de conhecimento científico. A ação conjunta de uma equipe multidisciplinar propiciará possibilidade de resultados mais efetivos no combate ao Bullying, frente às diversas facetas e desdobramentos que podem ocorrer durante o período de permanência deste fenômeno. O ser humano deve desenvolver, o que Morin (op.cit) denomina de “simbiosofia”, ou seja, a sabedoria de viver junto. Educar para a compreensão humana passa a ser uma missão do setor educacional, como condição e garantia de solidariedade intelectual e moral da humanidade.

Enfim são os Projetos interdisciplinares no âmbito escolar que devem ser entendidos como enriquecimento cultural, fundamental à formação da cidadania dos alunos, baseada num processo de socialização de valores morais, éticos e estéticos, que fundamentam princípios humanistas e democráticos na sociedade. Para isto, as estratégias de ação didático-pedagógicas devem estar voltadas para a suplantação de práticas injustas e discriminatórias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Abrapia – Associação Brasileira de Proteção à Infância e Adolescência. **Programa de Redução do comportamento agressivo entre estudantes.**

Chauí, Marilena. **Convite à filosofia.** 12 ed.São Paulo: Editora Ática, 2000.

Morin Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.**10 ed.São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2005.

Perrenoud Philippe. **Pedagogia diferenciada: das intenções à ação.**Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000a.

_____. **Dez novas competências para ensinar.**Porto Alegre: Artes Médicas sul, 2000b.

Stainback, William e Susan. **Inclusão: um guia para educadores,** Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.